

Cinema e sociedade: a construção da diversidade e novos olhares

Gilmar Maciel Costa¹
Aline de Vasconcelos Silva²

Resumo: O presente relato é parte de um projeto de extensão oferecido pelo IFSP câmpus Campos do Jordão no ano de 2017. Esse trabalho buscou comunicar e levar aos sujeitos externos a comunidade acadêmica, uma filmografia diversificada. Com o objetivo de ampliar o ponto de vista das pessoas para que essas tenham uma maior sensibilidade das complexidades cotidianas. Além disso, essa proposta buscou abrir um espaço diferenciado na cidade para debates de temas que são relevantes para a convivência humana. Apesar da fama turística do município de Campos do Jordão, existem poucos ambientes culturais para a população que vive o dia a dia da cidade. E demonstrar que a arte e o cinema estão imersos em ideologias que constroem opiniões ou que as reproduzem para manter um *status quo* da elite.

Palavras-chave: Cinema; sociedade; ideologia

Abstract: The present report is part of an extension project offered by the IFSP campus Campos do Jordão in the year 2017. This work sought to communicate and bring to the external subjects the academic community, a diversified filmography. In order to broaden people's point of view so that they have a greater sensitivity to everyday complexities. In addition, this proposal sought to open a differentiated space in the city for debates on themes that are relevant to human coexistence. Despite the tourist fame of the municipality of Campos do Jordão, there are few cultural environments for the population that lives the day to day of the city. And, to demonstrate that art and cinema are immersed in ideologies that build opinions or that reproduce them to maintain an elite *status quo*.

Keywords: Cinema; society; ideology

Introdução

O projeto Cinema e Humanidades interagiu com a comunidade de Campos do Jordão e demonstrou que o cinema, além de arte, é uma ferramenta de construção de pensamento. E que existe uma dialética entre o real e o pensar que constrói o modo de agir do ser na sociedade. Para realização desse trabalho, utilizou-se como base autores que conversam com essa temática como Benjamin (1983) e Adorno e Horkheimer (1991).

¹ Discente do curso de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Câmpus Campos do Jordão, macielcostagilmar@yahoo.com.br

² Docente da área de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Câmpus São Paulo, aline.vasconcelos@ifsp.edu.br

Para Benjamin (1983), o progresso que ocorre com os avanços das técnicas de reprodução faz com que a arte perca a sua aura e, desse modo, ela é introduzida com mais facilidade no cotidiano dos sujeitos. Conseqüentemente, a arte deixa de pertencer apenas a classe burguesa, e passa a ser compreendida pelas classes trabalhadoras. No entanto, o cinema não amplia apenas o conhecimento, mas revira aquele sentimento já posto no íntimo do sujeito, pois a arte trabalha outras sensações, como escreve Munsterberg:

Devemos acompanhar as cenas que vemos com a cabeça cheia de ideias. Elas devem ter significado, receber subsídios da imaginação, despertar vestígios de experiências anteriores, mobilizar sentimentos e emoções, atizar a sugestibilidade, gerar ideias e pensamentos, aliar-se mentalmente à continuidade da trama e conduzir permanentemente a atenção para um elemento importante e essencial – a ação. Uma infinidade desses processos interiores deve ir de encontro ao mundo das impressões. (MUNSTERBERG *apud* XAVIER, 1983, p. 27).

Da fotografia se origina o cinema e Benjamin (1983) atribui a essa arte a diminuição da distância entre o público e o autor, portanto, essa forma artística se aproxima das massas. Isso porque, assinala o autor, “Uma parte dos actores que encontramos em filmes russos, não são actores no nosso sentido, mas sim pessoas que representam um papel principalmente no seu processo de trabalho.” (BENJAMIN, 1983, p 13). Essa representação de pessoas comuns perante as lentes faz com que o homem ordinário se sinta representado na arte cinematográfica e participativo na sua produção.

Adorno e Horkheimer (1991), nas suas diversas obras, demonstra como a classe dominante utiliza os meios de comunicação e as artes para propagarem suas ideias. Desse modo, observa que o cinema pode ser um meio para manter coesa a consciência da classe dominada, fazendo com que ela não observe as reais relações sociais que lhes são impostas. Assim sendo, o cinema está intimamente ligado às relações capitalistas.

Ambos os autores mostram a importância da arte cinematográfica e como ela interfere no nosso cotidiano. Logo, esse projeto buscou mostrar como o cinema é afetado por diversas ideologias. Sendo assim, entende-se como elas impactam a sociedade atual e como detectá-las nos longas metragens.

Além de que, o cinema está intimamente ligado ao consumismo que é cultuado pelo modo de produção capitalista. Sendo assim, a maioria das produções cinematográficas não abordam temas que vislumbrem o desanuviamento das ideologias que estão em harmonia com o modo de pensar e agir das classes dominantes, mas na maioria estão apenas solidificando o discurso. Esses sintomas não são exclusividades da nossa época, como alerta essa passagem escrita por Bruñel (1958) há algumas décadas.

Por desgracia, la gran mayoría de los cines actuales parece no tener más misión que ésa: las pantallas hacen gala de vacío moral e intelectual en que prospera el cine, que se limita a imitar la novela o el teatro, con la diferencia de que sus medios son menos ricos para expresar psicologías; repiten hasta el infinito las mismas historias que se cansó de contar el siglo diecinueve y que aún siguen repitiendo en la novela contemporánea. (BRUNEL, 1958, p. 2).

Deste modo, o projeto pretendeu filtrar as ideologias que estão por trás dos filmes e como utilizar desse recurso artístico para educar e ampliar uma crítica de mundo. Tentando desenvolver nos indivíduos uma nova forma de enxergar a sétima arte e como aplicá-la no seu dia a dia.

Relato de experiência

Primeiro encontro: Capitão Fantástico (*Captain Fantastic*, 2016)

Foi exibido o filme “Capitão Fantástico” (*Captain Fantastic*) do diretor Matt Ross, produzido no ano de 2016 (CAPITÃO..., 2016). Essa película retrata uma família singular, já que o modo de educar proposto não é feito no interior de uma escola formal, e sim no seio familiar e com uma perspectiva crítica da sociedade. Os pais propõem uma educação próxima à natureza e longe do sistema consumista em que estão inseridos a maioria dos indivíduos. No entanto, esse modo de educar acarreta problemas quando essa família necessita interagir com a sociedade urbana e convencional americana.

Esse filme foi escolhido, pois retratava um modo alternativo de viver e observar a sociedade. Além disso, ele coloca em evidência uma crítica a sociedade do consumo ou do espetáculo retratada na obra de Marx (2010). Entretanto, essa primeira exibição não foi satisfatória, já que não atingiu a comunidade externa.

Contudo, membros da comunidade interna compareceram à exibição e não tinham contato anterior com o filme. Isso demonstra que o projeto conseguiu mostrar algo que não faz parte do cotidiano desses sujeitos, colaborando para incrementar o conhecimento dos participantes. Assim, atingiu-se o primeiro objetivo que foi demonstrar algo novo e singular.

Isso fez florescer um belo debate a respeito da obra exibida, pois foi demonstrado um novo modo de enxergar o mundo. Essa discussão trouxe à tona vários temas como sexualidade, família, sociedade e a não neutralidade das instituições jurídicas. As pessoas envolvidas na discussão mostraram que algumas ideias contidas no filme são inviáveis de serem praticadas no cotidiano.

Ao excluir-se um sujeito da realidade social aceita, por um tempo longo, ele não adquire certos signos para se comunicar com o outro que está inserido na realidade social hegemônica. Além dessa observação, o filme trouxe algumas indagações do modo atual de educar. Será que o nosso modo de educação confere todas as ferramentas para formação de um sujeito crítico e consciente dos seus atos?

O filme levanta algumas situações que demonstram que a nossa sociedade não tem uma educação que visa esse tipo de formação, pois a educação formal, em grande maioria, forma para o mercado hegemônico. Logo, educa-se para reproduzir as desigualdades que há na sociedade e não para superá-las como demonstra Bourdieu (2015).

Houve uma tentativa de reconhecimento das ideologias contidas no filme e o embate que há entre elas na sociedade. Constatou-se como o filme defende uma ideologia e como essa seduz no desenrolar do longa; no entanto, o filme cria um diálogo entre elas, mostrando que não se deve entender a sociedade de forma dicotômica ou maniqueísta e sim, criar-se uma maneira de compreender as complexidades das contingências.

Ao mesmo tempo, nota-se como a película cria tipos idealizados e como demoniza outros e, dessa forma, constata-se que não há uma neutralidade no discurso do filme. Portanto, o filme demonstrou ser uma ferramenta ambígua, uma vez que retrata outras realidades, mas, ao mesmo tempo, coloca algumas ideologias recônditas nas entrelinhas.

Segundo encontro: Filme A Caça (*Jagten*, 2012)

O filme dinamarquês, “A Caça” (*Jagten*), produzido pelo diretor Thomas Vinterberg, foi lançado no ano 2012 e relata um assunto polêmico e discutido atualmente que é a pedofilia (A CAÇA, 2012). Esta obra foi escolhida, pois retrata a pedofilia e é um assunto delicado que necessita de ampla discussão. Outro ponto relevante para preferência por esse filme, é a demonstração de violência da sociedade e como a escola reage nessa situação.

O protagonista do filme, Lucas, vive em uma pequena cidade dinamarquesa e passa por alguns momentos conturbados, já que ele acaba de se divorciar e a escola em que trabalhava fora fechada e, por isso, ele precisa trabalhar em uma escola de ensino infantil. Lucas tem a confiança de seus amigos e é muito querido pela comunidade dessa pequena cidade. Entretanto, a situação piora quando a filha do seu melhor amigo, Klara, levanta a possibilidade de Lucas ter abusado dela. Em um primeiro momento, paira uma dúvida no ar, porém com ajuda de “especialistas”, Lucas é rotulado de pedófilo, pois se entendeu que a criança não tem maldade e isso corroborava a análise feita pelo psicólogo.

O fato desse filme apresentar um assunto afrontoso, fez surgir um belo debate entre os envolvidos no encontro. A obra trouxe outra perspectiva sobre o assunto, uma vez que coloca em xeque a pureza da criança, visto que a criança sempre é pensada como um ser sem “maldade”, ou seja, sem entendimento das situações ou segundas intenções. De fato, a compreensão do mundo adulto é muito peculiar para uma criança, mas o filme demonstra que há possibilidade de a criança mentir e revela o papel ativo desse ser dentro da sociedade.

Nesse ponto, pode-se inferir que ao excluir a criança como indivíduo ativo dentro da sociedade, elimina suas vontades e os seus desejos. Já que os papéis representados por elas são imaginados pelos adultos e não se referem ao agir da criança como um ser social e pensante, como escreve Gomes (2015).

Com essas questões em mente, o debate trouxe uma ampliação do entendimento do assunto, pois demonstrou como o ser humano age nessa situação delicada. Muitos que estavam no debate criticaram os atos de barbárie cometidos contra Lucas; contudo as pessoas que assistiram ao filme compreenderam a reação da comunidade perante Lucas. Entretanto, houve algumas falas que não validavam a forma brutal que a situação foi encarada, uma vez que não houve uma investigação aprofundada do crime de que o protagonista foi acusado. Apenas foram levantados sintomas genéricos que poderiam suceder à criança caso ela fosse abusada sexualmente.

Contudo, esses sintomas generalizados se encaixavam em diversas situações, fazendo com que houvesse uma suspeita de que a maioria das crianças teriam sido cooptadas por Lucas. Portanto, as pessoas envolvidas no debate concluíram que há uma necessidade de maior investigação e apuração dos fatos, antes de processar a penalidade. E que essa penalidade deve ser feita pela justiça e não pela sociedade civil.

Outras falas atentaram para o fato de que não se deve ignorar o relato oral de uma criança, pois este pode estar, de fato, revelando um abuso. No entanto, todos foram bem cautelosos e analisaram a situação de outro prisma, ou seja, do acusado. E isso nos revelou o fato de que devemos buscar sempre compreender a situação de ambas as partes e não impor uma pena antes de cautelosa investigação.

Terceiro encontro: Documentário “Menino 23” (2016)

O documentário “Menino 23”, produzido pelo diretor Belisario Franco e baseado na tese de doutorado do professor Sydney Aguilar Filho, foi lançado no ano de 2016 e remonta alguns pontos da década de 30 do século XIX, no Brasil (MENINO, 2016). E foi escolhido, pois trata

de um documentário que remonta um passado eugenista recente no Brasil. Além disso, mostra como entidades filantrópicas realizam a escravidão no Brasil pós abolição e que esse pensamento está intimamente ligado a grupos nazistas.

Ele demonstra como o ranço do racismo era forte e presente na sociedade brasileira, depois de aproximadamente 40 anos da abolição da escravidão. Esse documentário relata a vida de crianças órfãs negras que eram trazidas do Rio de Janeiro para uma fazenda no interior de São Paulo. Contudo, essa propriedade escondia os rastros da escravidão e o culto a ideologia nazista.

O documentário se desenrola expondo a história de três crianças que foram levadas para a fazenda Cruzeiro do Sul, no município de Campina do Monte Alegre, interior de São Paulo, propriedade da família Rocha Miranda. Ao chegarem, essas três crianças negras são colocadas de frente com a imposição do trabalho forçado, com a falta de educação formal e com a falta de liberdade de ir e vir.

Trabalhavam sobre duras punições, apenas em troca de um prato de comida e, com o tempo, os seus nomes deram lugar aos números pelos quais seriam chamados. É desse fato que nasce o nome do documentário, “Menino 23”, já que Aloiso da Silva teve o nome substituído por esse número, e assim ficou conhecido na fazenda da família Rocha Miranda.

O primeiro ponto abordado no diálogo, com os presentes, foi como o nazismo fez parte da cultura brasileira, já que não há relatos de grandes repercussões do culto ao nazismo e de uma sociedade eugênica. Esse pensamento – que tinha grande repercussão nas décadas de 30 e 40 do século passado e contava com bastante seguidores – foi esquecido por envergonhar a história recente brasileira. Entretanto, as falas demonstram pouco ou quase nenhum conhecimento dessa situação ter acontecido em território nacional, uma vez que, ao pensarmos em nazismo, sempre é com o pensamento além-mar.

Dessa forma, o documentário demonstrou como parte da elite brasileira e da população estava ligada ao culto ao nazismo e tinha um pensamento de embranquecer a sociedade brasileira. Além de notar esse branqueamento, durante o debate, algumas falas abordaram o fato de uma família estar reproduzindo os modos escravocratas, já que essa trazia crianças negras para escravizá-las e desumanizá-las.

Essa falta de humanidade é lembrada durante a discussão, uma vez que se nota que no Brasil não há um culto aos direitos humanos e aqueles que os defendem são considerados pessoas de pensamento não tradicional. Portanto, esse documentário denunciou a cor negra como marca racial da discriminação e, também, como parte da elite brasileira estava ligada a regimes autoritários de extrema direita. Essa produção lembrou aos integrantes do debate

como o racismo ainda impera no Brasil, já que muitos relataram como enxergam o negro no seu cotidiano e como esses são retratados pela grande mídia.

Quarto encontro, semana da diversidade: “O que você faria?” (*El Metodo*, 2005)

O filme “El Metodo”, produzido pelo diretor Marcelo Piñeyro, foi lançado no ano de 2005 e buscou captar o espectador através de uma trama que habita a vida dos indivíduos diariamente (EL METODO, 2015). Essa película foi escolhida, pois retrata uma situação comum de grande parte da população, a busca pelo trabalho, a competitividade, o individualismo e o machismo.

A produção se desdobra em um típico processo seletivo de grandes empresas, no qual são colocados sete candidatos que concorrem ao mesmo posto de trabalho; contudo essa empresa diz utilizar um método americano de seleção, conhecido como “Método Gronholm”. Essa ferramenta de seleção tem como objetivo fazer que os candidatos interajam entre si, já que eles seguem ordens de um computador e nada mais. Entretanto, o método faz com que os candidatos disputem a vaga de maneiras duvidosas, revelando assim a falta de alteridade e externando preconceitos relativos ao machismo, à idade e à cultura dos envolvidos na entrevista.

Dessa forma, o filme trouxe para o debate como a sociedade está inserida no mundo capitalista, ou seja, o modo como as empresas selecionam seus candidatos para ocuparem altos cargos, mostrando a forma competitiva que cobra esse modelo econômico. Durante o debate, as falas dos envolvidos na discussão revelaram que as figuras femininas que participaram dessa seleção eram “engolidas” pelo machismo que permeia a sociedade, já que uma, por ser mais velha e mulher, não teria condições de ocupar um cargo de alta importância e a outra usava o sentimento que um dos candidatos nutria por ela como um ponto a seu favor para desqualificar o seu concorrente. Entretanto, há falas que defendem essa atuação da personagem feminina, sendo que o seu adversário também poderia utilizar os sentimentos nutridos por ela a seu favor.

Outro ponto notado durante a discussão foi como a empresa tenta controlar todos os movimentos dos sujeitos que estão envolvidos na seleção, através de filmagens ilegais. Portanto, esse filme coloca em evidência o assédio que uma empresa pode praticar na vida do seu trabalhador, uma vez que ela não impõe limites entre o público e o particular dos seus funcionários. Além disso, há a necessidade de destacar o tipo de funcionário que é necessário, ou seja, aquele que abra mão da sua ética para fins necessários à corporação.

Quinto encontro: *Leviatã (Левуафан, Leviafan, 2014)*

O filme *Leviatã (Левуафан, Leviafan)*, produzido pelo diretor Andrey Zvyagintsev, foi lançado no ano de 2014 e coloca a luta de um homem perante as forças do Estado (LEVIATÃ, 2014). Esse filme foi escolhido para o encerramento do semestre do projeto, pois a obra coloca em evidência o poder de um Estado corrompido, pela soberba da elite econômica, perante a sociedade.

O filme do diretor Zvyagintsev trouxe ao debate questões pontuais da sociedade atual como: a corrupção das instituições estatais, a utilização da máquina pública em favorecimento pessoal, o machismo e o uso abusivo da violência e de bebidas alcoólicas. Através desses temas colocados pelo diretor, floresceu um belo debate nesse último encontro.

Algumas falas durante a discussão associaram o nome do filme à clássica obra de Hobbes (2014). Em linhas gerais, a obra do filósofo inglês trata da força do Estado perante os cidadãos e como esse inibe as vontades naturais do homem, posto que o indivíduo no seu estado natural, nutriria a barbárie. Logo, a relação entre as obras cinematográfica e literária entrou em debate para mostrar a força do Estado russo, representada pelo prefeito, diante a fraqueza do cidadão que buscava os seus direitos, já que o poder público estava corrompido para satisfazer as vontades pessoais do prefeito.

Os sujeitos envolvidos no debate perceberam que não apenas o judiciário, o legislativo e o executivo estavam degenerados, mas também a igreja ortodoxa russa, já que eles se mostram coniventes com as atitudes do prefeito e, em certo momento, incentivavam o uso da máquina pública para que atingissem os fins pessoais.

O debate continuou a mostrar que, para atingir os fins desejados, os indivíduos inseridos nessa sociedade utilizavam a violência física e psicológica em diversos momentos do filme. Nota-se a violência do protagonista com o seu filho e a com a sua esposa. O prefeito utiliza da violência física para coagir o advogado, uma vez que esse busca defender o direito à propriedade de Kolia, protagonista do filme. Lilya, esposa de Kolia, sofre uma agonizante violência psicológica, já que, desde o começo da trama, ela vive uma tensão no ambiente doméstico e, no desenrolar da película, Lilya é estuprada pelo seu próprio marido.

Devido às desventuras sofridas pelos principais personagens da obra, levanta-se a questão de o *Leviatã* não ser apenas o poder do Estado sobre a comunidade, mas esse monstro também pode ser a representação da maldade do homem em si, uma vez que, no avançar da trama, nota-se que são as relações humanas que compõem o Estado corrompido e, dessa forma, os seres que ali habitam são degenerados.

Além dessa nova visão do filme, o debate esbarrou no papel da igreja, uma vez que os personagens ligados à instituição religiosa trouxeram algumas passagens da bíblia, como a história de Jó. Essa passagem que foi revelada durante o debate elucidou algumas questões do filme. Outra passagem bíblica que foi citada é a história das Vinhas de Nabote, que está escrita no livro dos Reis; essa história suscitou o pensamento de que a história do filme é muito similar a essa última passagem.

Por fim, o filme trouxe à tona uma nova reflexão, não apenas baseada no papel do Estado, como a maioria tinha antes do debate, mas também algumas informações para refletirmos sobre a condição humana e sobre o machismo que está presente na sociedade atual.

Dificuldades encontradas para a execução do projeto

Uma situação que foi constatada foi a dificuldade de a sociedade adentrar dentro de um prédio público e que prioriza a educação. Pois, a fim de proteger o patrimônio público excluí a possibilidade de acesso aos sujeitos que vivem na cidade e de promoção de programas que os incluam.

Outro empecilho que foi encontrado, é a falta de pertencimento que há na sociedade jordanense, pois a maioria não observa o IFSP como algo possível, logo eles desconheciam a sua existência. E de fato essa falta de pertencimento está atrelada ao mundo do trabalho que há na cidade. Pois, a exploração e a desumanização dos trabalhadores da cidade é uma regra que ocorre durante o ano. Muitos são submetidos a horas a fio de trabalho e não têm a possibilidade de gozarem de atrativos culturais ou debates que promovam a uma sensibilidade sobre a situação que estão inseridos.

Para corrigir as situações apresentadas buscou-se um maior tempo para a divulgação em alguns locais da cidade, como em algumas instituições de ensino públicas da cidade tanto as municipais quanto as estaduais. Elaborou-se uma maior divulgação do evento online e em grupos específicos do Facebook, nos quais a comunidade jordanense interage com maior intensidade.

Em alguns locais de maior movimentação, foram afixados cartazes com a divulgação do evento para que aqueles que não tem acesso aos meios de comunicação virtual consigam informações dessa atividade. A orientadora do projeto enviou uma mensagem para a Coordenação de Apoio ao Ensino e o responsável pelo patrimônio, para que os funcionários da segurança que trabalhariam no dia do evento fossem devidamente avisados da necessidade de liberação dos indivíduos da comunidade externa para que esses pudessem participar do evento.

Considerações finais

O projeto Cinema e Humanidades abriu um novo espaço para o debate e para a cultura em Campos do Jordão. Além disso, esse trabalho contribuiu para ampliação do leque cultural dos envolvidos. Visto que os filmes exibidos não são contemplados pela mídia de massa, logo há uma ampliação do conhecimento cinematográfico e dos indivíduos que compareceram às exposições.

Essa exposição ao novo engendra outra perspectiva de mundo, e um olhar diferente é instigado no sujeito para observar a realidade que o rodeia. Isso faz germinar no indivíduo uma nova compreensão do real, já que os filmes que são exibidos no projeto trouxeram algo de novo. Algo oposto do cotidiano da maioria da população jordanense, tendo em vista que, a maioria dos filmes blockbusters do cinema atual padecem de questões reflexivas.

Portanto, o projeto Cinema e Humanidades procura apresentar para a comunidade jordanense um novo modelo de cinema e um espaço para que haja um diálogo. Para que floresçam novos pensares que confrontem a realidade que é imposta pela classe dominante. E desse modo, metamorfosear o pensar em agir e assim vislumbrar mudanças sociais necessárias.

Apesar de ser o primeiro semestre de implementação do projeto houve uma boa resposta da comunidade, já que em cinco encontros compareceram quarenta e sete pessoas. Nesse número estão inclusos membros do câmpus Campos do Jordão e diversos Jordanenses que não conheciam o IFSP.

Por fim, o projeto contribuiu para a divulgação do Instituto Federal, uma vez que foram divulgados os encontros nas maiorias das escolas públicas da cidade, além da exposição nas redes sociais, que fez aumentar a visibilidade da instituição na cidade que ainda é tímida, como relatado no PDI (Plano de Desenvolvimento Interno) do câmpus, vigente até o fim do ano de 2018. Portanto, o projeto contribui não apenas para ampliação de conhecimento, como também para a divulgação do Instituto no município.

Agradecimentos

Agradeço aos professores Rodrigo Rosa e Aline de Vasconcelos Silva e a todas as pessoas que compareceram aos encontros. Meus cumprimentos aos sujeitos que acreditam que o IFSP é mais que uma escola, e que observam nessa instituição uma ferramenta de transformação da sociedade. Logo, se faz necessário defender esse espaço que oferta uma

educação pública, diversa e de qualidade. E lembrar que todos os trabalhadores são envolvidos nesse processo, tanto os terceirizados como os servidores.

Referências

A CAÇA. Direção: Thomas Vinterberg. Produção: Morten Kaufmann, Sisse Graum Jørgensen, Thomas Vinterberg. [S. l.]: Nordisk Film, 2012. 1 DVD (106 min).

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Textos Escolhidos**. v. 16. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRUÑEL, L. El cine, como instrumento de poesia. **Revista Universidad de Mexico**, México, v. 13, n. 4, Diciembre, 1958. Disponível em: https://www.academia.edu/33087343/Buñuel_Cine_instrumento_de_poesía. Acesso em: 07 maio 2021.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. *In: Os pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1983.

CAPITÃO fantástico. Direção: Matt Ross. Produção: Monica Levinson, Jamie Patricof, Shivani Rawat, Lynette Howell Taylor. [S. l.]: Bleecker Street, 2016. 1 DVD (118 min).

EL METODO. Direção: Marcelo Piñeyro. Produção: Mateo Gil. [S. l.]: Canal +, 2005. 1 DVD (115 min).

GOMES, M. de O. Narrativas de crianças sobre infâncias e escola: aproximações com as políticas públicas dirigidas à infância e à formação de professores. *In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba, PR. Anais eletrônicos [...]*. Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18018_10503.pdf. Acesso em: 07 maio 2021.

HOBBS, T. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

LEVIATÃ. Direção: Andrey Zvyagintsev. Produção: Alexander Rodnyansky. [S. l.]: Fox, 2014. 1 DVD (141 min).

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

MENINO 23. Direção: Belisario Franca. Produção: Maria Carneiro da Cunha. [S. l.]: Elo Company, 2016. 1 DVD (79 min).

XAVIER, I. **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasil, 1983.